

Museologia LGBT aplicada: uma experiência de gestão no Museu das Bandeiras

Tony Boita¹

Applied LGBT Museology: a management experience at the Museu das Bandeiras

Cena I²

Era sábado, por volta de 14 horas, fazia calor em uma cidade qualquer. Um grande museu de história recebia em seus espaços duas travestis negras. Elas estavam lindas, maquiadas e bem produzidas, afinal era a primeira vez que iriam a um museu. Uma delas fazia mestrado, e a outra cursava a graduação em Museologia. Uma usava um cabelo *black-power* e a outra tinha cabelos curtos.

¹ **Tony Boita:** Museólogo, Mestre em Antropologia e Doutorando em Comunicação pela UFG. É editor da Revista Memória LGBT+ e membro da Rede LGBT de Museologia Social do Brasil. É autor do livro *Museologia LGBT: Cartografia das Memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores*. Atualmente é diretor do Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa (Ibram/Mtur). E-mail: tonyboita@hotmail.com

² Trecho ampliado do artigo “LGBTFOBIA Museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT”, publicado na Revista *Ventilando Acervos*, Florianópolis, Museu Victor Meireles, v. 1, p. 104-115, jul. 2020.

Artigo recebido a 01.12.2020

Aprovado para publicação a 17.01.2021

Na entrada, os olhos dos trabalhadores já as julgavam, alguns cochicharam, outros fizeram piadas, um outro segurava o riso e o outro cuspiu. Em pouco tempo, todos já estavam na porta para olhá-las. Com uma voz irônica, o recepcionista recebeu-as:

- Bem vindos ao Museu de História, como posso ajudar?
- Gostaríamos de visitar o museu, como funciona?
- Como qualquer museu, pelo visto vocês nunca visitaram

um.

- Sempre tem a primeira vez, ainda mais para uma estudante de Museologia.

O recepcionista calou-se, mas em seguida continuou.

- Esse é aquele curso que só viado faz, né? - E soltou uma risada juntamente com os demais curiosos.

- Não, também tem travesti e sapatão. Por favor, onde é a entrada?

- Ali - apontou o homem.

Elas seguiram. Já conheciam a realidade brasileira e aquilo não era nada perto de correr da morte, de receber um não no mercado de trabalho por ser travesti ou, ainda, nada pior do que ser chamada pelo nome de nascimento e tornar-se chacota na universidade pelo professor.

Seguiram. Junto a elas, dois seguranças que alisam freneticamente suas armas em uma tentativa de intimidá-las.

Para cada peça, dedicavam todo o tempo do mundo, riam, conversavam e ignoravam o ambiente externo. Liam as legendas com atenção, refletiam sobre as cadeiras, as louças e os objetos arqueológicos. Questionavam como as travestis na década de 40, 50 e 60 viviam.

O Museu já ia fechar e, de forma muito agressiva, foram convidadas a sair.

Introdução

Cenas de violência contra pessoas dissidentes da matriz heterossexual nos museus costumam ser recorrentes no Brasil. Nestes espaços, a heteronormatividade está presente e age de forma

opressora a diferença e a diversidade. Quando pessoas negras, indígenas, travestis, gays, transexuais, pobres, lésbicas, casais homoafetivos, adentram as portas abertas dos espaços museológicos, são mal recebidos, ignorados, as vezes constrangidos e até expulsos destas instituições. Como exemplo, podemos citar um caso real ocorrido em 2016, no Rio de Janeiro e 2017 em Porto Alegre, segundo Boita (2020, p.73),

Quanto as censuras ocorridas em exposições é importante apresentar um breve histórico. O Centro Cultural Banco do Brasil, em 2016 registrou um caso de lesbofobia em 2017, a exposição *QueerMuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* foi censurada, não por questões de arte, mas sim pela homolesbotransfobia institucional. Curioso notar que ambas instituições são financiadas por bancos. É evidente que estas não foram as únicas instituições, o Museu da Diversidade, sofre constantemente algum tipo de vandalismo, assim como qualquer outro espaço em as palavras diversidade, sexualidade ou LGBT estejam escancaradas. Sim, o Brasil é um país fóbico à diversidade sexual.

Não podemos esquecer que o Brasil é um país violento para mulheres cis, trans e pessoas LGBT. O Monitor da Violência (Velasco et al., 2020), aponta que em 2019 foram 3739 homicídios dolosos e 1314 assassinatos violentos as mulheres, ou seja, a cada 7 horas (média) uma mulher foi assassinada, no país. Somente no primeiro semestre de 2020 foram assassinadas 1890 mulheres, um aumento de 2% comparado ao mesmo período do ano anterior. Segundo a Associação de Travestis e Transexuais (Benevides & Nogueira, 2020) em 2019 foram mortas 121 pessoas T (travestis e transexuais) e no primeiro semestre de 2020, 89 travestis e transexuais foram assinadas. O Grupo Gay da Bahia, aponta que em 2013, 40% das mortes do mundo a LGBT, ocorreram no Brasil (Mott, 2018). Segundo o *Trangender Europa*, de 2011 a 2018, ocorreram mais de 2700 assassinatos a pessoas LGBT no Brasil, cerca de 1 morte a cada 28 horas (Boita, 2020). Estes são alguns dados estatísticos que

demonstram o perigo constante que mulheres e LGBT sofrem diariamente.

De imediato, percebemos que as fobias ao gênero e as dissidências sexuais perpassam os museus. Mesmo assim ainda há uma resistência das pessoas que trabalham nos museus. Talvez muitas delas, ignoram que os museus preservam memórias e vidas e não objetos estanques. Ressalta-se que estas instituições, devem ser espaços democráticos, livres, compartilhados e sustentáveis. São por natureza espaços de salvaguarda e comunicação do conhecimento. São, também, espaços políticos e de poder. E, acima de tudo, são lugares do povo.

No Brasil, os museus são regidos pelo Estatuto de Museus (2020). Nesse documento, propõe-se uma definição ampla e democrática para os museus brasileiros. Esta lei é um marco no país por aprimorar normas, procedimentos, técnicas e conceitos. Destaca-se o artº 2º, onde se prevê os princípios fundamentais que movem os espaços museais, a saber; a) Valorização da Dignidade Humana; b) A promoção da Cidadania; c) O cumprimento da Função Social dos Museus; d) A valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental; e) A universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; f) Intercâmbio Institucional. Além destes princípios, estes espaços museológicos, documentam, conservam, expõe e desenvolve ações de pesquisa, educação e cultura.

Apesar de democráticos e preocupados com os direitos humanos, pouco é feito quando tratando-se do debate de gênero e dissidências sexuais. Dos mais de 3 mil museus existentes, são poucas as iniciativas que estão de fato preocupadas na superação da violência e de fobias a diversidade de gênero e sexual. Deste modo, entendemos que em parte, os museus, estão muito mais focados em institucionalizar o preconceito, o conservadorismo e a violência do que garantir o direito as memórias e histórias de minorias sociais.

Por outro, lado, percebe-se tentativas pontuais e pouco preocupadas com a demanda social. Atualmente, observamos muitos museus desenvolvem ações lacrativas para bombar nas redes sociais

em uma tentativa de assumir para o público sua preocupação com a diversidade. Mas, percebe-se que o debate, a geração de renda e a defesa da dignidade humana pouco foi tratada. É comum a realização de eventos, exposições temporárias, lançamentos de livros, vídeos e tantas outras ações. Por um lado, visibiliza a instituição, por outro essa visibilização é apenas temporária.

Mesmo assim, as casas de memória ainda estão presas do passado e pouco agem em defesa destas práticas tão violentas, não só ao corpo, mas a memória e as vidas. Em diversas produções, já foram apresentadas o poder de transformação da memória aliada as demandas sociais. Ações constantes que visibilizem mulheres e pessoas LGBT são importantes para a superação da homolesbotransfobia museológica,

Chamo de homolesbotransfobia museológica todo e qualquer procedimento da cadeia operatória que é utilizado como argumento para invisibilizar e/ou ignorar as pessoas LGBT, priorizando, escondendo ou até estimulando a desinformação ou a deterioração dos bens culturais museológicos. Em resumo, ao estimular a invisibilização, os museus incentivam a homolesbotransfobia. Ignorar um objeto pertencente a esse grupo é negar o direito às memórias da população LGBT, tão humilhada e maltratada pela sociedade e pelo Estado. (Boita, 2020, p.107)

O presente artigo irá refletir sobre os limites e potencialidades de atividades que envolvam, salvaguardam e comunicam a diversidade de gênero e dissidências sexuais em museus convencionais. Justifica-se pela necessidade de cumprir de forma prática os princípios fundamentais dos museus brasileiros (Art. 2^o, Lei 11.904/2009), amplamente difundida, mas pouco aplicada. Objetiva em demonstrar e refletir sobre as ações realizadas entre 2018 a 2020 no Museu das Bandeiras, na Cidade de Goiás. A intenção é mostrar as estratégias utilizadas visando estimular que outras instituições se abram para valorizar a diversidade de gênero e as dissidências sexuais. Deste modo, entendemos que todo museu é um espaço político e que possibilita a transformação social de seu

entorno, priorizando a preservação e difundido memórias de dissidências sexuais. Para tal, pretendemos de forma prática, aplicar os preceitos de uma Museologia LGBT em um museu convencional,

O que denominamos Museologia LGBT é, portanto, uma escolha política, onde a sigla LGBT é potência de discussão em Políticas Públicas, e uma escolha teórica, no caso do uso crítico do conceito Queer aplicado a partir de uma perspectiva interseccional, visando sobretudo a superação das desigualdades que pesam às comunidades dissidentes da matriz heterossexual hoje hegemônica. (Baptista, Boita, Wichers, 2020, p.4)

De fato, museus a cada dia travestem-se. Muitos espaços museológicos optaram em não ser mais espaços inóspitos, contemplativos e apáticos. Em uma tentativa de revisão, vem tornando-se locais dinâmicos e preocupados com as demandas contemporâneas, sociais, culturais e políticas. Os museus ressurgem como espaços de resistência e debates. Transformam-se em locais ocupados pela garantia da dignidade humana e não somente pela preservação do objeto.

De Casa do Terror para Lar da Memória: uma breve história sobre o Museu das Bandeiras

Fundada em 1766 a Casa de Câmara e Cadeia, popularmente conhecida como a Casa do Terror da Capitania de Goyaz, foi criada para garantir a ordem e a segurança da província. Em seu interior eram depositados corpos em sua maioria negros, vítimas do sistema escravista que já estava prestes a ser abolido na região. Em um único espaço, era possível encontrar “os criminosos, as prostitutas, os ‘associais’, os vagabundos, os ciganos e os homossexuais” (Pollack, 1989. p.13-14). Esse edifício possui muitas histórias que permearam três períodos distintos: sobreviveu a colônia, o império e a república brasileira, fechando suas celas em 1949. A partir de 1952, a casa do terror reabre como um lar da memória.

Percebe-se que o nome proposto para o lar da memória da Cidade de Goiás, se dá a partir de um outro fato histórico violento na

região, as entradas e bandeiras. Segundo o Jornal *Almanak de Goyaz* em 30 de outubro de 1886, ao narrar a história da fundação da cidade aponta,

Este governador depois de ter dado posse a nova *villa*, que foi denominada *Villa Bôa de Goyaz*, (*) em *atenção* à Bueno seu descobridor e ao *indio Goyá* que habitava estes lugares, fez demarcação das praças e dos edifícios *principaes*, mandou construir o passo da *camara e cadêa* (...).

Destaca-se que a menção ao “descobridor” refere-se ao bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, filho do temido Anhanguera³. Com sua chegada os grupos indígenas que ali viviam, em grande parte foram mortos e fundou-se o Arraial de Santana em 1727, posteriormente denominada Villa Boa de Goyáz, capital da província (Quintela, 2003). Neste contexto é construído décadas mais tarde um edifício que abrigaria uma *camara e cadêa* onde as pessoas condenadas eram enforcadas⁴, em seu interior rebeliões organizadas e algumas vidas presas, as vezes eram libertadas.

Para além da cadeia, localizada na parte inferior, havia a câmara. Um espaço de poder localizado na parte superior da edificação. Neste local, sua primeira função foi abrigar o judiciário e a câmara dos deputados da província de Goyaz, desativadas após a mudança da capital na década de 30. Com isso, um longo processo de degradação e abandono assolou a edificação que mesmo em ruínas ainda gerava o pavor a uma cidade quase vazia.

Em 1949, com o a decadência da cidade e a efervescência dos direitos humanos⁵ a cadeia passa por um segundo momento de transformação. Mas antes de seu fechamento por completo, já era articulado uma nova função, a de museu. Segundo o ofício assinado

³ Bartolomeu Bueno da Silva (pai) era popularmente conhecido como o anhanguera, homem cruel que matou cruelmente diversos indígenas.

⁴ O enforcamento no Brasil foi proibido em 1835.

⁵ Em dezembro de 1948 é promulgada a declaração universal dos direitos humanos.



Figura 4 - Casa de Câmara e Cadeia / Museu das Bandeiras - 1930 -
Acervo Arquivo do Museu das Bandeiras

em 8 de julho de 1949⁶ pelo governador Jeronymo de Coimbra Bueno enviado à assembleia legislativa, já apontava importância de doação da edificação para o “governo federal, convenientemente adaptada para a instalação de um museu.”, uma vez que não servia mais para o cárcere humano “sem o mínimo conforto e higiene”, segundo o documento,

A cadeia pública da cidade de Goiás, reminiscência dos tempos da capitania, de há muito não pode ser utilizada como presídio, dado o seu precário e quase ruinoso estado e dadas as péssimas condições que oferece para que um ente humano, ainda que culpado do mais grave delito, habite sob o seu tecto.

⁶ Ofício G1.015-49/1.3 de 8 de julho de 1949 endereçado ao Exmo Senhor Deputador José de Sousa Pôrto, MD, Presidente da Assembleia Legislativa, Goiânia.

Com o tempo, um lugar utilizado como símbolo do poder e da repressão, tornou-se um espaço representativo, afirmativo e inclusivo, através de ações estratégicas visando sua popularização. Na atualidade, este espaço museal tornou-se uma importante ferramenta para a superação de fobias a diversidade cultural.

Questionando as entradas e bandeiras, a partir de 2009 o Museu iniciou algumas ações pontuais. Entre 2009 a 2013 visando se afastar do seu discurso defasado e preconceituoso, a diretora Girlene Chagas Bulhões realizou exposições temporárias no pátio externo da instituição visando incluir as dissidências sexuais do município, bem como, realizou em 2012 o Seminário do Babado, onde foi estendido uma bandeira do movimento LGBT na fachada do Museu. Posteriormente, entre 2014 a 2018, a gestão de Stélia Castro, valorizou a cultura afro-brasileira realizando parcerias para o desenvolvimento de eventos e oficinas. Ambas gestões foram importantes na difusão de memórias de grupos historicamente excluídos, no entanto, exposições e eventos passam e pouco alteram a realidade museal, da comunidade e dos grupos socialmente oprimidos. Entre 2018 e 2020, período que será debatido neste artigo, o Museu das Bandeiras atuou de dentro para fora. Como ações basilares, a direção no museu, apostou na institucionalização, capacitação e o diálogo.

Aplicando a Museologia LGBT em um museu convencional

Durante o período de estudo deste artigo observou-se alguns elementos importantes que devem ser refletidos para a preservação e difusão das memórias que envolvam o debate de gênero e dissidências sexuais nos museus convencionais. Visando desenvolver ações que possam reparar os contextos fóbicos onde estabeleceu-se normas, missões e um discurso avesso a diversidade de gênero e as dissidências sexuais, realizou-se uma profunda reestruturação, a partir de um desejo de transformar a teoria em realidade,

E se a leitora ou leitor atua no campo museológico, cabe uma reflexão: o que você, como profissional de museus, tem feito em relação a esta questão? “Isso não faz parte da missão do

meu museu”, nos respondeu certa vez um diretor de um museu público-federal. “Tenho medo de abordar o tema”, muitas diretoras e diretores tem nos dito ultimamente. “Os museus não devem se envolver com este tema, devemos nos ocupar com o que é cultural e patrimonial”, nos disse outro. E assim vai, sucessivos argumentos que revelam que nem sempre é necessário que o Estado pregue o ódio em políticas públicas. Os próprios agentes de cultura estão dispostos a mantê-lo. (Baptista & Boita, 2018, p. 253)

De fato, Museu das Bandeiras, desde 2018⁷ mostra que o diálogo e o trabalho em equipe são possíveis para garantir a mudança respeitando a diversidade de gênero e as dissidências sexuais. Talvez, o sucesso da gestão do Muban se dê por três etapas; 1) A institucionalização; 2) Formação e Pesquisa; 3) Ações de difusão a partir de demandas da comunidade local. Inicialmente, entendemos que a importância de se institucionalizar os temas presentes no Museu, alterando a missão e o plano museológico, visando garantir a perpetuação de ações e o encorajamento da equipe. A formação para as pessoas que trabalham na instituição, garante a capacitação e difunde o conhecimento evitando o medo e garantindo o diálogo,

⁷ O desenvolvimento do trabalho só tornou-se possível com o apoio da equipe técnica, composta por Tatielle Brito Nepomuceno (Diretora Substituta e Coordenadora do Núcleo de Arquivologia e Pesquisa), Etheila Olilveira (Chefe de Serviços), Ruth Vaz (Coordenadora do Núcleo de Ação Educativa e Comunicação Social), Luiz Otávio da Silva Pereira (Auxiliar Administrativo) e das pessoas que trabalham na segurança, recepção do público e limpeza e conservação do Museu das Bandeiras, a saber; Laura Batista (Segurança); Adriana Ribeiro (Segurança); Djari Pereira (Segurança); Maryna Lima (Estagiária); Vando Rodrigues da Cunha (Recepcionista); João Chaves (Segurança); Milena Tavares (Recepcionista); Rodrigo Dias (Recepcionista); Ruan Lucas Marciano (Estagiário); Gizela Dias (Recepcionista); Maria Anali Rodrigues Siqueira (Limpeza e Conservação); Waldim Jesus de Abreu (Segurança); Wariane de Faria Machado (Recepcionista); Cleimar Alves da Silva (Segurança) e Valdimari Domingas Fabino Arrais (Limpeza e Conservação).

além de, reforçar os princípios democráticos. Por fim, a realizou-se ações, eventos, exposições, ações culturais e educativas e debates.

1) Institucionalização (Missão e Plano Museológico).

A institucionalização se deu a partir da atualização da missão, plano museológico e outras normativas internas. Em ambos documentos a diversidade de gênero e sexual tornou-se uma das faces da instituição, garantindo que ações que visibilizem estas pessoas sejam realizadas constantemente e sem desculpas. Em conjunto, para além de ações esporádicas reforçam o diálogo do museu com a comunidade de mulheres e pessoas LGBT.

A nova missão reforça o discurso do museu e o torna um dos primeiros espaços museológicos convencionais brasileiros a incluir o debate de gênero e sexualidade. Isso pode até parecer algo simples, mas o impacto em uma gestão é enorme, uma vez, que potencializa e visibiliza grupos que já utilizam a instituição, mas não são vistos por ela. Sua nova missão, aprovada em 2020, é

O MUBAN tem como missão preservar, pesquisar e comunicar a memória nacional relativa à ocupação da região Centro-Oeste do Brasil, enfatizando as contribuições dos diversos segmentos étnico-sociais presentes neste processo, visando à universalidade do acesso, à sustentabilidade cultural, social, econômica e ambiental, também contribuindo para o desenvolvimento do país por meio da promoção da inclusão social, da **igualdade racial e de gênero, da valorização da diversidade cultural e sexual e do respeito aos direitos e à dignidade humana.** (Grifo Meu)

Com a nova missão produzida e aprovada, passou-se a construir outros documentos normativos. O plano museológico foi o primeiro deles e sem dúvida o mais importante. Esta ferramenta estratégica de gestão, orienta as ações dos museus para os próximos quatro anos. Dentre as ações, foram incluídas atividades que garantam o desenvolvimento pleno da missão.



Figura 5: Arte publicada no Facebook do Museu das Bandeiras em comemoração do dia do Orgulho LGBT.

O Plano Museológico foi instituído por meio do Artº 45 da Lei 11.904, que diz:

Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.

O Plano Museológico, foi produzido com a comunidade local e os colaboradores do Muban e teve duração de dezoito meses. Os participantes foram convidados a diagnosticar o museu e a refletir sobre a missão e seus objetivos frente a sociedade. Ao todo, participaram 22 pessoas, entre colaboradores do museu e membros da comunidade. Todas as pessoas que participaram, realizaram os diagnósticos que possibilitou verificar alguns temas silenciados, tais como a ausência do protagonismo de mulheres e dissidências sexuais. Como resultado dessa invisibilidade, ações foram tomadas visando atender as demandas apresentadas.

Desse modo, escutaram-se os moradores do entorno, da cidade, do centro histórico, as lideranças comunitárias, as

peças que trabalham no Museu das Bandeiras, os professores dos diferentes níveis do ensino, os gestores públicos e os profissionais do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e de outros museus. Além disso, buscou-se conversar constantemente sobre o tema durante as reuniões de equipe, bem como durante as capacitações promovidas pela instituição. Nesses encontros, indagávamos essas pessoas com as seguintes questões:

- Como o Museu das Bandeiras pode estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento?
- De que forma o Muban pode se aproximar da comunidade do entorno? (Museu das Bandeiras, 2020, p.3)

Para tal, o diálogo entre a missão e o plano museológico garantiram o desenvolvimento das próximas etapas, ou seja, transformamos as ideias em ações. Isso foi fundamental para o encorajamento e a motivação da equipe, que já tinha o desejo em trabalhar com ações voltadas para os temas de gênero e sexualidade.

2) Formação e Pesquisa;

Uma transformação nos espaços museológicos só é possível quando toda a equipe participa e constrói de forma colaborativa, do contrário é impossível. Destaca-se que todas as pessoas que atuam no Museu das Bandeiras, como limpeza, segurança, mediação do público, servidores e estagiários estiveram envolvidos nas construções de um museu plural, diverso e acolhedor. Deste modo, foi realizado capacitações constantes com toda a equipe e estímulo a pesquisa.

As capacitações foram realizadas em duas etapas. A primeira, o Programa de Formação do Museu das Bandeiras iniciado em 2019. Era realizada no último final de semana do mês com participação da equipe do museu e da comunidade local, sempre ministrada por um convidado externo, esta atividade totalizava 14 horas. A segunda etapa foi realizada em janeiro de 2020, exclusivamente para equipe, teve duração de três dias e totalizou 24 horas. Em ambos, discutiu-se

temas visando capacitar e difundir o conhecimento da equipe e da comunidade.

O objetivo do Programa de Formação do Museu das Bandeiras, era capacitar colaboradores, pesquisadores e moradores da cidade de Goiás sobre temas específicos sobre o museu, a cidade e história local. Para a realização foram convidados diversos profissionais de distintas áreas para refletir sobre os temas propostos. Cada proposta atendia demandas específicas do museu, visando o estímulo do debate e a disseminação de conhecimento.

Para cada formação, são disponibilizadas 30 vagas, sendo reservadas 20 para a comunidade e 10 para os trabalhadores dos museus da cidade. Para participar, os interessados devem realizar uma inscrição prévia e não há custos. Todos os temas abordados nas formações objetivaram coletar informações para nortear as ações. Por conseguinte, esta atividade tornou-se uma importante ferramenta para a produção de sugestões, as quais posteriormente acabaram sendo incluídas no documento. (Museu das Bandeiras, 2020, p.15)

O Seminário Interno do Museu das Bandeiras, foi realizado nos dias, 28, 29 e 30 de janeiro de 2020 somente para as pessoas que trabalham na instituição. Para a condução da iniciativa, optamos pelo tema em comemoração do dia internacional de museus (18 de maio), proposto pelo Conselho Internacional de Museus, “Museus pela igualdade: Diversidade e inclusão”. O objetivo ao utilizar este tema, era que fosse possível, capacitar e planejar em diálogo com a missão, os valores e o plano museológico do museu ações para 2020 de forma colaborativa. Na programação proposta, discutiu-se os temas de gênero, ação educativa, apresentação de pesquisa de público, reformulação dos horários de funcionamento e o plano de gestão de riscos, além de, realizar um planejamento das ações ao longo do ano. De todo modo, mesmo o museu estando fechado para a visitação, foram desenvolvidas estratégias voltadas para pesquisas, visando a transformação dos espaços e um melhor entendimento sobre o gênero e sexualidades dissidentes.

O seminário foi dividido em três momentos visando um melhor aprofundamento dos temas que seriam debatidos. No primeiro dia, além da reunião de equipe, refletiu-se sobre a presença das pessoas negras e mulheres na cadeia. No segundo dia, debateu-se sobre os temas de gênero e sexualidade e sobre o programa de gestão de riscos. No último dia, a equipe realizou uma visita no museu onde propuseram ideias, sugestões de ações, mudanças expográficas e do discurso. Ao final, realizou-se uma avaliação onde verificou-se o sucesso da ação.

<p>DIA 28/01 TERÇA</p> <p>Local: Museu das Bandeiras</p> <p>9:00 às 10:00 – Café da Manhã</p> <p>10:00 às 12:00 – Reunião de Equipe</p> <p>12:00 às 13:00 – Almoço</p> <p>13:00 às 15:00 – Museus para a Igualdade: Diversidade e Inclusão I: Ruth Vaz</p> <p>15:00 às 15:30 – Café</p> <p>15:30 às 18:00 – Pesquisas no Museu</p> <p>1) O Pecúlio Como Forma de Conquista: A história Negra não contada - Luiz Otávio, Etheila Oliveira e Vando Rodrigues Cunha</p> <p>2) Goiás na lente da imprensa: os negros nos jornais do Século XIX [1866-1890] - Wariane Machado</p> <p>3) O Mito da democracia racial como sustentáculo ideológico da disparidade social no Brasil - Rodrigo Azeredo</p> <p>4) Férias - Ruan Lucas Marciano</p> <p>5) As fugas da casa de câmara e cadeia - Milena Tavares</p> <p>6) A presença das mulheres na casa de câmara e cadeia - Maryna de Lima</p>	<p>DIA 29/01 QUARTA</p> <p>Local: Museu das Bandeiras</p> <p>9:00 às 10:00 – Café da Manhã</p> <p>10:00 às 12:00 – Museus para a Igualdade: Diversidade e Inclusão 3: Tatielle Brito Nepomuceno</p> <p>12:00 às 13:00 – Almoço</p> <p>13:00 às 15:00 – Museus para a Igualdade: Diversidade e Inclusão 2: Tony Boita</p> <p>15:00 às 15:30 – Café</p> <p>15:30 às 18:00 – Gestão de Riscos</p> <p>DIA 30/01 QUINTA</p> <p>Local: Museu das Bandeiras</p> <p>9:00 às 10:00 – Café da Manhã</p> <p>10:00 às 12:00 – Visita ao MASBM/Visita MUBAN</p> <p>12:00 às 13:00 – Almoço</p> <p>13:00 às 15:00 – Museus para a Igualdade: Diversidade e Inclusão – IV – Etheila Oliveira</p> <p>15:00 às 15:30 – Café</p> <p>15:30 às 18:00 – Reunião de Equipe</p>	<p>TODOS OS ANOS, DESDE 1977, O ICOM ORGANIZA O DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS, QUE REPRESENTA UM MOMENTO ÚNICO PARA A COMUNIDADE MUSEAL DE TODO O MUNDO.</p> <p>O OBJETIVO DO DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS É DE TRAZER AO CONHECIMENTO DE TODOS O FATOS DE QUE MUSEUS SÃO IMPORTANTES MEIOS DE TRANSFORMAÇÃO CULTURAL, ENRIQUECIMENTO DAS CULTURAS E DESENVOLVIMENTO DO MÚTUO CONHECIMENTO, COOPERAÇÃO E DE PAZ ENTRE AS PESSOAS. ORGANIZADO EM 18 DE MAIO OU PRÓXIMO A ESSA DATA, OS EVENTOS E ATIVIDADES PLANEJADOS PARA CELEBRAR O DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS PODEM DURAR UM DIA, UM FIM-DE-SEMANA OU UMA SEMANA INTEIRA.</p> <p>ELE FOI CELEBRADO PELA PRIMEIRA VEZ HÁ MAIS DE 40 ANOS. EM TODO O MUNDO, MAIS E MAIS MUSEUS PARTICIPAM DESTA CELEBRAÇÃO. ANO PASSADO, MAIS DE 37 MIL MUSEUS PARTICIPARAM DO EVENTO EM CERCA DE 158 PAÍSES E TERRITÓRIOS.</p>
--	--	---

Figura 6: Programação do I Seminário Interno do Museu das Bandeiras.

As mudanças reais se dão a partir da produção de conhecimento. De fato, a pesquisa é o cerne dos museus. É dela que emana as ações educativas, as ações de documentação, conservação e expografia. Arriscamos dizer que museus sem pesquisas, são espaços de informações falsas. E por isso, estimulamos ao máximo a pesquisa entre toda a equipe, períodos que durante sua jornada de

trabalho, pudesse ler, acessar um documento ou tirar uma dúvida sobre algum item do acervo ou questionamento do público.

De fato, o Museu das Bandeiras é um equipamento cultural privilegiado. Além do edifício e de um rico acervo, a instituição detém um dos principais arquivos do país. Nele é possível encontrar fundos do período da colônia, império e república. Muitas dúvidas e questionamentos podem ser respondidos a partir de pesquisas. E por isso, o estímulo às pessoas que trabalham na instituição tornou-se importante, uma vez, que a partir destes estudos geraram-se produções, exposições e eventos.

Como resultado destas pesquisas, foi publicado em novembro de 2020 a Revista do Arquivo do Museu das Bandeiras nela é possível ver uma série de reflexões sobre acervos arquivistas do arquivo do museu, entre eles, os trabalhos inéditos produzidos pelos colaboradores da instituição. Como exemplo, podemos citar a pesquisa da ex-estagiária e agora historiadora, Maryna Lima, sobre o mapeamento das mulheres e os motivos que levaram a prisão na casa de câmara e cadeia de 1935 a 1936, segunda ela, (Pereira, 2020, p. 172),

Eva Cordeiro dos Santos, presa duas vezes pelo mesmo crime (desordem); Andreina Rosário, presa duas vezes pelo o crime de desordem; Ortençe Alves ou Hortencia Alves, presa duas vezes uma por embriaguez e desordem; Flora Cassiemira de Cruz, presa duas vezes, uma por desordem e outra por embriaguez; Bertolina Gomes dos Santos, presa três vezes, sendo a causa da prisão desrespeito, nalquias e desordem; Ozana Maria de Jesus, presa três vezes, pelos crimes de nalquia, embriaguez, alnaquias.

Deste modo, percebemos que o impacto da formação aliada a pesquisa favorece a produção de conhecimento. Isso fortalece o debate e enriquece ações, exposições, publicações e ações culturais e educativas na instituição. Agora, os espaços e objetos ganham nomes, gênero e deixam de ser meras coisas sem vidas.

3. Ações de difusão a partir de demandas da comunidade local

O Museu das Bandeiras é um espaço que atua em consonância com a comunidade. A partir de 2018 desenvolveu ações, a fim de atender sua missão, respeita seu plano museológico e atender “Respeito à diversidade de gênero, sexual, étnico-racial e religiosa” (MUBAN, 2020, p.38). Ressalta-se que a igualdade, equidade e a diversidade são elementos fundamentais para o Museu das Bandeiras. E por isso, o Muban, passou a desenvolver, apoiar ações, atividades e eventos sempre em parceria com grupos, coletivos e associações que dialogam com a missão do Museu.

A principal parceria do Muban é a Associação Mulheres Coralinas. Essa associação colaborativa é formada por um grupo de mulheres que inspirados nos poemas de Cora Coralina e Leodegária de Jesus produzem arte e artesanato na cidade de Goiás, visando a geração de renda. Em 2019 realizamos uma exposição temporária, a organização de um evento e iniciamos ações culturais e educativas com estas mulheres.

Em 2019 foi realizado o *Seminário Saberes das Mãos, Letras e Ofícios*, em parceria com a Associação Mulheres Coralinas. O Muban apoiou a realização deste evento, o qual celebrou o aniversário das escritoras Cora Coralina e Leodegária de Jesus, bem como os 70 anos do Museu das Bandeiras. Além dessa ocasião, realizou-se, no Muban, uma exposição com produtos produzidos por essas mulheres. Atualmente o Museu é um importante parceiro da Associação. (Museu das Bandeiras, 2020, p.21).

Em parceria com a secretaria municipal e estadual de saúde, o Museu das Bandeiras passou a distribuir preservativos no Carnaval da Cidade de Goiás. Nos dias de festa, chegam a passar pela cidade, mais de 50 mil pessoas, é considerado um dos melhores e mais tradicionais carnavais do Estado. No carnaval de 2019 e 2020 realizamos a distribuição de preservativos para o público visitante. Na



Figura 7: Arte do Seminário Saberes das Mãos, Letras e Ofícios.

ocasião, disponibilizamos, preservativos masculinos, femininos e lubrificantes, nos banheiros e na área externa. A maioria das pessoas que visitam o Museu, levaram seu kit. Além disso, foram distribuídos adesivos contra o assédio de mulheres. No domingo de carnaval, já não havia mais preservativos e adesivos. Isso demonstrar o potencial dos museus como um espaço da preservação da vida.

No dia da visibilidade sexual, 23 de setembro, o Museu das Bandeiras, apoiou o evento “Sexualidades Dissidentes: Quando existir é resistência” promovido pelos docentes e discentes da Universidade Federal de Goiás. Na ocasião foi lançado o livro “Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs” pelo

Conselho Federal de Psicologia. Posteriormente realizou-se uma mesa redonda para discutir a bissexualidade, a LGBTfobia e outras violações da dignidade humana a pessoas LGBTI. A atividade foi realizada no pátio externo do Museu, onde foi hasteada em uma mesa, uma bandeira da comunidade bissexual.



**SEXUALIDADES
DISSIDENTES**
QUANDO
EXISTIR É
RESISTÊNCIA

LANÇAMENTO DA OBRA
**TENTATIVAS DE ANIQUILAMENTO DE
SUBJETIVIDADES LGBTI_s**
APRESENTAÇÃO DO LIVRO:
ANDRÉA ESMERALDO (CONS. FEDERAL DE PSICOLOGIA)
FABIANA ITACI ARAÚJO (CONS. FEDERAL DE PSICOLOGIA)

MESA-REDONDA COM:
ANNA PAULA BRITO DUTRA (OCE-UFG)
ARTHUR HENRIQUE MARESCA (ESTAGIÁRIO DA ASCOM/UFG)
MARIA MEIRE DE CARVALHO (COORDENADORA DO GRUPO GSEX)

23
DE SETEMBRO
DIA DA VISIBILIDADE BISEXUAL
MUSEU DAS
BANDEIRAS
CIDADE DE GOIÁS
A PARTIR DAS 19H30

REALIZAÇÃO

REGIONAL GOIÁS UFG

MUBAN

70

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

CRP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

APOIO

Figura 8: Arte do evento Sexualidades Dissidentes: Quando existir é resistência.

Em novembro de 2020 o Muban promoveu em formato virtual uma roda de conversa sobre a saúde mental da mulher negra. A atividade foi organizada por algumas pessoas que trabalham na instituição e coordenado pela servidora Etheila Oliveira. Para a condução da roda, foi convidada a psicóloga negra Aline Xavier do Centro Especializado do Atendimento a Mulher (CEAM) que refletiu juntamente com a equipe do Muban e da comunidade local, a violência psicológica que

as mulheres negras sofrem no cotidiano. Tal ação é fruto de uma pesquisa realizada pelos colaboradores sobre a presença de pessoas negras no Muban.



Figura 9: Arte da Roda de Conversa: Saúde Mental da Mulher Negra.

Deste modo, percebe-se que o Muban desenvolve suas ações sempre a partir de demandas da comunidade. Ao firmar parcerias, o Museu se fortalece e potencializa seu diálogo com lideranças, aproximando-se de pessoas que possuem os mesmos valores que a instituição. Atuar sozinho seria difícil, mas em coletivo, tudo fica mais fácil.

Considerações Finais

O presente artigo apresentou as ações desenvolvidas pelo Museu das Bandeiras voltadas para os temas de gênero e dissidências sexuais entre 2018 e 2020. De fato, as ações realizadas estiveram em diálogo com as demandas do Museu a partir de sua realidade local. Para tal, foi necessário realizar alterações institucionais, pesquisas e parcerias para conseguir cumprir as metas estabelecidas, visando o cumprimento da função social do museu e o atendimento das demandas sociais, afinal,

O Museu das Bandeiras opera em diferentes frentes visando cumprir sua missão e seus valores. No campo da difusão, atua de forma democrática, em diálogo com os diversos públicos que o visitam, assim como com aqueles que pesquisam e

promovem ações e eventos acerca de espaços museais. (Museu das Bandeiras, 2020, p.17)

Destaca-se que todas as ações realizadas cumpriram a legislação proposta no Estatuto de Museus, que já tem mais de 10 anos. Para além da obrigatoriedade, a experiência foi frutífera, importante e teve sua importância social. Ela possibilitou experimentar e verificar que esse tipo de ação perpassa o desejo de mudança de uma gestão entendendo o museu como espaço de transformação social.

Vale lembrar a provocação realizada em 2018, no o artigo *Por uma Primavera LGBT* (Baptista & Boita, 2018) que anunciava a importância de um evento comemorativo proposto pelo Instituto Brasileiro de Museus sobre a temática LGBT nos museus brasileiros, bem como, propunha diversas ações para os museus convencionais, A cadeia operatória da Museologia também pode ser positivamente afetada por uma Primavera dos Museus LGBT. Esta proporcionará uma renovação das ações museológicas da instituição. As ações de comunicação (Ações educativas e Expografia) priorizarão o diálogo e o respeito. Será importante somar parcerias, além de promover ações que impulsionem a dignidade humana a estas pessoas com atividades que envolvam a saúde, a educação e a cidadania. É importante não se esquecer de utilizar o Nome Social no tratamento das pessoas travestis e transexuais. Na impossibilidade do desenvolvimento de ações educativas, sugere-se a criação de um mapa simples que aponte os elementos pertencentes à história e memória LGBT. No que tange à salvaguarda (Conservação e Documentação), valorizar o bem cultural tal qual a qualquer outro sem omitir as informações que afirmam sua sexualidade — como bem aponta Flávio Amaral, “é grande a possibilidade de objetos, acervos e coleções possam ter essa relação com o universo LGBTTTQ escamoteada, esquecida ou ignorada” (AMARAL, 2014, p.247). Até mesmo as legendas dos acervos podem ser revistas e problematizadas a partir dessa Primavera — como bem observou Beth Fernandes, militante transexual de Goiânia, mediante as ossadas do “Homem do

Rio das Almas” no Museu Antropológico da UFG: “Quem garante que ele era um homem?”, perguntou, “se meus ossos um dia forem parar no museu, serei chamada de homem?” (Baptista; Boita, 2018, p.259).

É evidente que as ações propostas no Museu das Bandeiras não solucionaram as demandas e anseios para a garantia do direito à memória de mulheres e pessoas LGBT. No entanto, atendemos as demandas de nossa equipe, das nossas parcerias e dos nossos sonhos – um museu plural, democrático e diverso.

Acreditamos que no nosso tempo, estamos transformando este museu, alterando sua cadeia operatória, realizando parceria, capacitando, discutindo e debatendo. O mais importante é que queremos e acreditamos em um Museu Travesti (Baptista, Boita, & Wichers, 2014), um museu que se monta e se transforma a si e seu entorno.

No que tange o medo de represálias por promover mudanças, não temos o que temer. Afinal, uma direção LGBT foi perseguida e ameaçada durante seus anos de vida, diferente dos heterossexuais, estando já calejada. Não há nada de novo no fronte. Temos pouco tempo de vida e nesse curto espaço de tempo precisamos mudar os museus em suas estruturas fóbicas à diversidade.

Referências Bibliográficas

Baptista, J., & Boita, T. (2018). Por uma Primavera nos museus LGBT: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 7(13), 252-262.

[Disponível em

<https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17790>,

consultado em 10/11/2020]

Baptista, J., Boita, T. & Wichers, C. (2020) O que é Museologia LGBT?. *Revista Memórias LGBT*, 12, 10-16. [Disponível em <http://www.memoriaslgbt.com>, consultado em 10/11/2020]

Benevides, B., & Nogueira, S. (2020). *DOSSIÊ: assassinatos contra travestis brasileiras e violência e transexuais em 2019*. Antra: Associação Nacional de Travestis e Transexuais.

[Disponível em

<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>., consultado em 15/10/2020]

Boita, T. (2020). LGBTfobia museológica: algumas reflexões sobre as estratégias simbólicas utilizadas nos museus para invisibilizar pessoas LGBT. *Ventilando Acervos*, (1), 104-115. [Disponível em <http://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/08.-Tony-Boita.pdf>., consultado em 10/11/2020]

Boita, T. (2020). *Museologia LGBT: cartografia das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores*. Rio de Janeiro: Metanoia.

Estatuto de Museus. Planalto.gov.br. (2020). [Disponível em from http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm., consultado em 10/11/2020]

Mott, L. (2018). *Assassinato de homossexuais (lgbt) no Brasil: Relatório 2013/2014/2015/2016/2017/2018*. Homofobia Mata. [Disponível em from <http://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf>., consultado em 10/11/2020]

Pereira, M. (2020). Entre grades e correntes: os crimes e a presença feminina na antiga Casa de Câmara e Cadeia de Goiás (1934-1935). In T. Nepomuceno, C. Moraes & T.

Boita, *Revista Arquivo do Museu das Bandeiras* (pp. 163-174).
Paco Editorial. [Disponível em from
<https://museusibramgoias.museus.gov.br/revista-arqmuban/>
consultado em 10/11/2020].

Pollack, M. (1989). Memória, Esquecimento e Silencio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. [Disponível em from
[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria esquecimento silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). consultado em 10/11/2020].

Quintela, A. C. (2011). O topônimo “Goyaz”. *Signótica*, 15(2), 153-172. <https://doi.org/10.5216/sig.v15i2.16216>

Velasco, C., Grandin, F., Caesar, G., & Reis, T.
(2020). *Assassinatos de mulheres sobem no 1º semestre no Brasil, mas agressões e estupros caem; especialistas apontam subnotificação durante pandemia*. G1. [Disponível em from
<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml>.. consultado em 10/11/2020].